

FARINHA DE PENA E VÍSCERAS HIDROLISADAS EM RAÇÕES DE SUÍNOS

*Elias T. Fialho¹
Paulo C. Gomes¹
Aloísio S. Ferreira¹
José F. Protas²
Alfredo R. de Freitas¹*

Segundo o serviço de Inspeção de produtos de Origem Animal (SIPA), o abate de aves sob inspeção federal no ano de 1979 foi de 411,4 milhões de cabeças, superior ao ano de 1978 com 385,5 milhões de cabeças e em 1980 foram abatidos 555,13 milhões de cabeças de aves.

Considerando que as aves em média são abatidas com 1,6 kg e que 7% de seu peso correspondem às penas, proporcionou, desta forma, uma disponibilidade potencial de 62,17 mil toneladas de farinha de pena no mercado em 1980, não considerando as perdas industriais.

A possibilidade de sua utilização, como fonte alternativa de proteína em rações de monogástricos reveste-se de grande importância econômica, por tratar-se da utilização de um subproduto considerado como dejetos dos abatedouros avícolas.

Em estado natural, a proteína da farinha de pena, por ser queratinizada, apresenta valor nutricional insignificante; quando submetida a um processamento adequado torna-se disponível aos animais.

Com o objetivo de se avaliar biologicamente a farinha de pena e vísceras hidrolisadas (FPVH), através de ensaios de digestibilidade e verificar os efeitos de sua adição, em diferentes níveis, nas rações de suínos em crescimento e terminação, bem como verificar a viabilidade econômica dessas substituições, utilizaram-se 40 machos castrados e 40 fêmeas, Landrace, com peso médio inicial de 27,0 kg até o peso médio de abate de 92,5 kg, por um período de 103 dias.

Utilizaram-se quatro tratamentos: T1, 0,0% de FPVH; T2, 3,0% de FPVH; T3, 6,0% de FPVH e T4, 9,0% de FPVH.

As análises de desempenho dos animais (Tabela 2), mostraram que o consumo médio diário foi, estatisticamente semelhante entre os tratamentos. Pela análise de regressão linear, constatou-se que o ganho médio diário e a conversão alimentar, mostraram tendências de pior desempenho dos animais com o aumento da FPVH nas rações, sendo que o nível de 9,0% proporcionou os piores resultados.

Constatou-se que níveis crescentes de FPVH propiciaram rações com menores valores de digestibilidade.

A análise econômica do experimento foi feita a partir dos dados de desempenho dos tratamentos, independentes das análises estatísticas.

Com base nesses resultados e em função do custo do quilograma (kg) de peso vivo produzido (Tabela 2) conclui-se que a substituição de FPVH pelo farelo de soja é viável economicamente até o nível de 3,0%.

¹Eng. Agr., M. Sc., EMBRAPA-CNPSA

²Economista, M. Sc., EMBRAPA-CNPSA

Tabela 1 – composição e custo das rações experimentais.

Ração % Tratamento	Crescimento				Terminação			
	T1 0	T2 3	T3 6	T4 9	T1 0	T2 3	T3 6	T4 9
Ingredientes:	%	%	%	%	%	%	%	%
Milho moído (8,6% PB)	74,0	75,0	77,0	77,5	82,5	82,5	85,5	85,5
Farelo de soja (44,85% PB)	23,0	18,5	14,0	10,5	14,5	11,5	5,5	2,5
FPVH (61,08% PB)	–	3,0	6,0	9,0	–	3,0	6,0	9,0
Fosfato bicálcico	2,3	2,3	2,3	2,3	2,3	2,3	2,3	2,3
Mistura mineral	0,5	0,5	0,5	0,5	0,5	0,5	0,5	0,5
Mistura vitamínica	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2
Custos das rações (CR\$/kg) ¹	11,68	11,81	12,04	12,23	11,68	11,81	12,04	12,23

¹Embora as proporções do milho e farelo de soja variem nas diferentes rações, o preço de ambos os insumos, a nível de mercado (outubro, 1980), foram os mesmos. Consequentemente, o custo das rações de crescimento e/ou terminação não variou.

Tabela 2 – Efeitos da FPVH no desempenho de suínos em crescimento e terminação e custos do kg de peso vivo produzido.

Ítems	Porcentagem de FPVH (%)			
	0	3,0	6,0	9,0
Ganho médio diário (g)	632	638	575	528
Consumo médio diário (kg)	2,15	2,14	1,98	2,01
Conversão alimentar	3,41	3,34	3,44	3,83
Custo do kg de peso vivo produzido ¹	49,63	49,48	51,85	58,23

¹Dados outubro de 1980.